



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

O ESTUDO DA VÍRGULA EM LIVROS DIDÁTICOS: UMA ANÁLISE

FABIANA LUIZA DE SOUSA LOPES

JOÃO PESSOA
FEVEREIRO DE 2015

FABIANA LUIZA DE SOUSA LOPES

O ESTUDO DA VÍRGULA EM LIVROS DIDÁTICOS: UMA ANÁLISE

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Profa. Dra. Margarete Von Mühler Poll

Orientadora

JOÃO PESSOA

FEVEREIRO DE 2015

FABIANA LUIZA DE SOUSA LOPES

O ESTUDO DA VÍRGULA EM LIVROS DIDÁTICOS: UMA ANÁLISE

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data de aprovação: __/__/__

Banca examinadora

Profa. Dra. Margarete Von Mühlen Poll (UFPB)

Orientadora

Prof. Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto (UFPB)

Examinador

Profa. Dra. Oriana de Nadai Fulanete (UFPB)

Examinadora

L864e Lopes, Fabiana Luiza de Sousa.

O estudo da vírgula em livros didáticos: uma análise /
Fabiana Luiza de Sousa Lopes.- João Pessoa, 2015.

37f.

Orientadora: Margarete Von Mühler Poll

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) -
UFPB/CCHLA

1. Língua portuguesa - ensino. 2. Livros didáticos - ensino
fundamental. 3. Construção de textos. 4. Pontuação. 3. Vírgula.

Dedico este trabalho com muito amor aos meus pais e ao meu esposo que foram minha fortaleza durante toda essa árdua graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado força e perseverança nos momentos mais difíceis da graduação.

Aos meus professores que, em maior ou menor grau, contribuíram à minha formação docente.

À minha querida orientadora, Margarete Von por sua paciência e dedicação numa etapa tão difícil de minha vida, e pela excelente participação ao meu trabalho.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu esposo, que foi meu braço forte nos momentos em que quis desistir.

À minha vó, que me incentivou e pagou meu vestibular para a entrada neste Curso.

A todos os meus amigos, que nos momentos difíceis me deram a mão.

E a todos aqueles que não consigo listar, mas que de forma direta ou indireta me deram forças.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a distribuição dos conteúdos sobre o sistema de pontuação, especialmente o emprego da vírgula, em livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Fundamental II, encarando este como um dos instrumentos de apoio do professor e do aluno no processo de aprendizagem. Tratando-se de um conteúdo essencial para a construção textual dos alunos, o ensino da vírgula deve ser valorizado desde as primeiras séries. Para a realização do estudo sobre como se dá o ensino da vírgula nos Livros Didáticos, analisamos duas séries didáticas de Livros Didáticos do Ensino Fundamental II.

PALAVRAS CHAVES: PONTUAÇÃO, VÍRGULA E LIVROS DIDÁTICOS.

ABSTRACT

This work Completion of course is to analyze the distribution of content on the scoring system, especially the use of the comma in textbooks of the Portuguese Secondary School, viewing this as one of the teacher support tools and student in the learning process. Since this is an essential content for the textual construction of the students, the teaching of the comma should be valued from the first series. For the study on how is the teaching of the comma in the textbooks, we analyzed two educational series Textbook of Primary Education II.

KEYWORDS: SCORE, COMMA AND TEXTBOOKS.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O ENSINO DA GRAMÁTICA NAS ESCOLAS DE ENSINO BÁSICO	10
3. OS PCN E O ENSINO DE PONTUAÇÃO	14
4. AS GRAMÁTICAS E A PONTUAÇÃO	17
5. O LIVRO DIDÁTICO NA SALA DE AULA	23
5.1 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS	24
6. CONCLUSÕES	35
7. REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

A pontuação é um conteúdo essencial para a construção textual e, com isso, o seu ensino é imprescindível. Um dos sinais de pontuação mais importantes é a vírgula, pois participa ativamente dos processos sintáticos, semânticos e prosódicos textuais.

É difícil enquadrarmos a função do livro didático nas salas de aula, mas, como afirmam Gérard e Roegiers (1998, p.19), ele é “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”. Sendo ele um instrumento impresso, pago e utilizado em sala de aula, a sua qualidade é indispensável. Um dos fatores fundamentais para sua qualidade é uma distribuição adequada de seus conteúdos.

Logo, o objetivo deste trabalho é verificar e analisar duas coleções de livros didáticos destinadas para o Ensino Fundamental, a fim de observar se os conteúdos referentes ao uso da vírgula são explanados e de que maneira esse ensino é realizado neles. Além disso, pretendemos analisar se as regras apresentadas ou prescritas nos Livros Didáticos correspondem às regras descritas pelas Gramáticas Normativas e se os conteúdos de emprego da vírgula neles trabalhados são suficientes para uma escrita proficiente, ou seja, se todo conteúdo necessário foi abordado nesses livros didáticos.

A escolha desse conteúdo foi decorrente do fato de a autora deste Trabalho de Conclusão de Curso já atuar na área docente e encontrar, muitas vezes, livros com má distribuição de conteúdos e diversas falhas em relação ao conteúdo necessário para a construção textual, entre eles, o uso dos sinais de pontuação.

A pesquisa consistiu numa apresentação teórica sobre: a necessidade do ensino e conteúdos gramaticais nas salas de aula; o que os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam sobre o ensino da pontuação; as regras de emprego da vírgula prescritas em três Gramáticas da Língua Portuguesa; e a importância do uso dos livros didáticos no processo de ensino. Além da parte teórica que compõe os dois, três, quatro e cinco, realizaremos, no subtópico do capítulo cinco uma análise de duas coleções de livros de língua portuguesa a respeito da disposição, da distribuição e da linguagem das normas gramaticais referentes ao uso da vírgula.

2. O ENSINO DA GRAMÁTICA NAS ESCOLAS DE ENSINO BÁSICO

Com o advento das teorias linguísticas voltadas à questão textual, a partir dos anos 60, surgiu uma nova forma de se pensar o ensino da língua materna em sala de aula. Entendia-se que o ensino da gramática que estava sendo realizado nas aulas de língua portuguesa não era adequado, pois utilizava frases soltas, ou o texto apenas como pretexto.

Por um lado, Antunes (2007) levanta a questão de que, mesmo conhecedores das regras prescritas pela gramática normativa, os alunos não se tornam capazes de produzir bons textos e de utilizar a língua formalmente em textos que exijam essa escrita. Por outro lado, perguntamo-nos se os alunos não conhecerem tais regras, as chamadas regras normativas, serão mais capazes de produzir bons textos, de utilizarem a língua sempre de maneira adequada à situação de uso?

É verdade que os alunos precisam conhecer as diferentes variantes linguísticas existentes em nossa língua, para poderem adequar o uso da língua aos mais diversos contextos. Por isso, devemos ensinar aos alunos como reconhecer, ou identificar, as variantes orais que existem em nosso meio, já que essas variantes são utilizadas e ouvidas por eles em diversos contextos sociais.

No entanto, o fato de reconhecermos diversas variantes em nossa língua materna, não exclui o fato de termos de ensinar uma variante padrão, possibilitando, assim, que alunos reconheçam e utilizem a variante de prestígio quando a situação assim exige.

A sala de aula recebe alunos de diferentes classes sociais e regiões e, com isso, existem variações linguísticas que precisam ser valorizadas em seu ambiente de estudo, e não discriminadas. A contribuição das teorias linguísticas sobre essa questão deve ser considerada, pois, em um ambiente de ensino, a existência do preconceito linguístico não deve ocorrer.

É importante observar que o fato de existirem diversas variantes em nossa língua não exclui uma variante considerada padrão, supervalorizada pela sociedade em que vivemos. Além disso, há uma grande gama de gêneros textuais que exigem a escrita formal, ou seja, o emprego da norma padrão. Como exemplo, podemos citar os próprios textos didáticos usados na sala de aula.

Bagno (2007), a respeito da necessidade do ensino da norma padrão na educação básica, afirma (BAGNO, 2007, p. 53).:

Uma das funções mais importantes do ensino é precisamente dotar os alunos e alunas de recursos que lhes permitam produzir textos (orais e escritos) mais monitorados estilisticamente, textos que ocupam os níveis mais altos na escala do prestígio social. Daí a importância de reconhecer as formas linguísticas já desaparecidas da fala espontânea, mas ainda exigidas socialmente na fala/escrita formal, para ensiná-las, no sentido mais literal do verbo ensinar, isto é, transmitir a uma pessoa um conhecimento que de fato ela não possui [...]

Os alunos, para ingressarem em universidades, hoje, se submetem a exames que avaliam suas aptidões, um desses exames é o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), e uma das competências avaliadas na prova de redação do referido exame é a de domínio da escrita formal da norma culta da língua portuguesa, avaliando a utilização adequada da língua em situações formais. Segundo a norma apresentada no manual do aluno, para o desenvolvimento de uma redação adequada, os candidatos precisam desenvolver seu texto utilizando-se da norma padrão e apresentar uma sequência argumentativa coerente. Para o desempenho dessas proposições, o aluno deverá conhecer as normas que regem o uso padrão da nossa língua materna, o que inclui o emprego dos sinais de pontuação, cujo ensino é objeto de estudo deste trabalho de conclusão de curso.

Teorias linguísticas voltadas à questão textual, assim como os PCNS, sustentam que a real necessidade para que os alunos aprendam as regras da escrita em nível formal, regras prescritas pela gramática tradicional, é que saibam aplicá-las em seus textos que exigem a escrita em nível formal da língua, isto é, em textos que exijam uma escrita de acordo com a norma padrão. O conhecimento das regras de pontuação é um dos elementos necessários para a escrita proficiente.

NEVES (1991, p 45), ao referir-se às redações dos alunos do Ensino Médio, afirma que “[...] as aberrações geralmente divulgadas no desempenho de vestibulandos nessas redações dizem respeito muito mais diretamente ao rompimento dos padrões gramaticais e ortográficos do que à falta de organização adequada e coerente no texto”. A autora mostra, assim, a real necessidade do ensino de questões da Gramática Normativa, pois a falta desse ensino repercute na produção de textos dos alunos.

Desse modo, um dos papéis do professor da educação básica na disciplina Língua Portuguesa é fornecer aos alunos ferramentas que os ajudem em situações

de uso da língua ainda não previstas por eles. Para tal ensino, um dos materiais didáticos utilizados pelo professor é o livro didático adotado pelas escolas.

Uma das finalidades do ensino de Língua Portuguesa é capacitar o aluno à produção de textos orais e escritos que terá de produzir no âmbito social e profissional. Nesses campos, a maior parte de textos é a de gêneros textuais que exigem uma escrita formal da Língua Portuguesa.

Segundo Neves (2003, p.24 e 25), nesse sentido:

[...] quando vai para a escola, a criança domina o padrão coloquial de seu grupo, que é mais, ou menos, próximo do padrão culto, dependendo do grupo socioeconômico cultural do qual ela provém. Daí que, sem uma educação formal que a ponha em contato com a “língua-padrão”, quanto mais desfavorecido em termos de letramento o ambiente do qual ela provenha, mais desfavorecida no desempenho ela continuará, porque é a escola, no geral, o único espaço em que a criança terá suporte para entrar equilibradamente na posse de conhecimentos que lhe possibilitarão adequação sociocultural de enunciados, em que ela terá suporte para transitar na competência natural do coloquial (mais distante, ou menos distante, do padrão) para uma posse ampla e segura que lhe permita adequar seus enunciados, nas diversas situações de interação.

Portanto, conforme Neves (2003), os alunos precisam conhecer uma variante padrão, para que possam adequar sua fala e escrita aos diferentes contextos sociais.

Poll (2008) afirma que, “embora os cientistas da língua se preocupem em descrever as diversas formas de realização da língua e em conferir o devido valor a elas, a sociedade mostra-se sedenta de conhecimentos normativos da língua e aberta a eles”. Então, qual seria nosso papel, sendo profissionais do ensino da língua, se não o de transmitir aos alunos as ferramentas necessárias para a escrita de textos que exijam a escrita em nível formal da língua, que é o nível da escrita que ele ainda não conhece?

Uma dessas ferramentas necessárias para a produção de um texto cujo gênero exige a modalidade escrita formal é a pontuação. Neste trabalho preocupamo-nos, especificamente, com o ensino da vírgula. Cabe lembrar que a pontuação é responsável pelo desenvolvimento sintático-semântico nos textos.

Para realizar tal ensino, um dos recursos didáticos utilizados pelo professor em sala de aula é o livro didático. Nele, as competências linguísticas que os alunos precisam adquirir são expostas aos alunos, auxiliando, assim, o trabalho dos professores em sala de aula.

Para auxiliar e direcionar os professores em suas atuações, existem alguns documentos oficiais. Um deles é o dos PCN, que parametrizam o ensino das diversas áreas de ensino. No capítulo seguinte, apresentaremos o que esse documento orienta em relação ao ensino da pontuação.

3. OS PCN E O ENSINO DE PONTUAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objeto de estudo o ensino da pontuação na sala de aula, mais especificamente, como esse ensino é abordado nos livros didáticos de Ensino Fundamental II. Como uma das orientações que parametrizam as atividades de ensino em sala de aula são os PCN, analisaremos, aqui, o que este documento afirma sobre o ensino de pontuação.

Há uma necessidade, de acordo com os PCN, de que os alunos iniciem, desde cedo, a produção escrita. É necessário que esses textos adequem-se aos diversos contextos e gêneros textuais e, com isso, necessitam de níveis de escrita variados. Vejamos o que afirma o documento sobre a produção textual (BRASIL, 1998, p. 48):

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita por meio da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita.

De acordo com os PCNS, o ensino da língua portuguesa vem sendo bastante discutido desde os anos 80. Esse documento, com base em estudos da Linguística, frisa a necessidade do enfoque na leitura e na escrita, pois é com essas competências que o aluno deverá lidar na vida.

Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (BRASIL 1998, p. 19).

Durante o Ensino Fundamental, o aluno precisa aprofundar-se nesses dois enfoques, leitura e escrita, e cabe ao professor de língua, em sala de aula, direcionar o ensino a essas duas modalidades.

Ao nos referirmos à escrita, é primordial pensarmos na pontuação, pois, dentro de um texto, ela participa de todo o processo de significação e, como destacam os PCN, a pontuação deve ser incorporada aos textos dos alunos, para a participação nesse processo de significação. (BRASIL, 1998, p. 20)

A pontuação é um dos processos responsáveis pela significação do texto, atuando junto ao desenvolvimento sintático-semântico da produção textual. De acordo com os PCNS (BRASIL, 1998 p. 59):

Aprender a pontuar é aprender a partir e a reagrupar o fluxo do texto de forma a indicar ao leitor os sentidos propostos pelo autor, obtendo assim efeitos estilísticos. O escritor indica as separações (pontuando) e sua natureza (escolhendo o sinal) e com isso estabelece formas de articulação entre as partes que afetam diretamente as possibilidades de sentido.

Aprender a pontuar não é, portanto, aprender um conjunto de regras a seguir e sim aprender um procedimento que incide diretamente sobre a textualidade. Um procedimento que só é possível aprender sob tutoria, isto é, fazendo juntamente com quem sabe:

- conversando sobre as decisões que cada um tomou ao pontuar e por quê;
- analisando alternativas tanto do ponto de vista do sentido desejado quanto dos aspectos estilísticos e escolhendo a que parece melhor entre as possíveis;
- observando os usos característicos da pontuação nos diferentes gêneros e suas razões (a grande quantidade de vírgulas/aposições nas notícias jornalísticas como instrumento para condensar o texto, por exemplo);
- analisando os efeitos estilísticos obtidos por meio da pontuação pelos bons autores.

A partir da citação acima, pode-se depreender que, para utilização adequada das regras referentes ao emprego da pontuação, é necessário que os alunos a conheçam e a utilizem, de forma monitorada inicialmente, dentro dos textos.

Com isso, pudemos depreender que, segundo os PCN, caberia ao professor de língua portuguesa conversar com o aluno sobre o uso da pontuação, analisando os aspectos estilísticos do texto ou da frase, auxiliado pelo livro didático, e mediar esse processo de ensino aprendizagem, fornecendo a monitoração necessária para a escrita dos textos. Cabe lembrar aqui que a pontuação em livros didáticos ocorre em decorrência do processo sintático da frases, principalmente, como veremos no capítulo seguinte, e que os PCN em nada mediam como deve ser ensino de pontuação, apenas afirma que deve ser realizado com conversas com quem já sabe o uso da pontuação e observando o sentido desejado.

Como utilizar uma pontuação adequada sem conhecer as suas regras de utilização, uma vez que ela se dá em decorrência do processo sintático da frase? Observamos que, no ensino da pontuação, é necessária a apresentação das regras e a reflexão sobre seu emprego, isto é, sobre o sentido que ela causa ou não. Sem conhecer as regras da pontuação e os motivos de seu emprego, entendemos que não é possível aplicá-la corretamente. Assim, um dos papéis do professor de língua portuguesa é mediar o ensino de pontuação, lembrando de que, ao aprender as

regras de pontuação, o aluno também aprende sobre a textualidade, aprende sobre as diversas partes e elementos que compõem um texto escrito.

O real papel do ensino da pontuação nas escolas é que esse ensino repercuta na escrita dos alunos.

Como pudemos observar os PCN não apresentam a principal função do emprego da pontuação nos textos.

Os PCN referem-se apenas à função estilística do emprego da pontuação, esquecendo-se, portanto, do âmbito sintático do emprego da pontuação. Nesse contexto de análise, pode-se dizer que, estilisticamente, a frase “A mesa, quebrou” e “A mesa quebrou”, em nada variam, ou seja, ambas as frases estariam bem construídas, pois a separação do sujeito e do verbo pela vírgula não constituiria problema, uma vez que, os PCN não falam da questão sintática implicada no uso da pontuação.

No capítulo seguinte, apresentaremos as regras de utilização da pontuação, especificamente da vírgula, que é o foco de estudo neste trabalho de conclusão de curso, para posteriormente, analisarmos o ensino destes conteúdos nos livros didáticos.

4. AS GRAMÁTICAS E A PONTUAÇÃO

O assunto abordado neste trabalho de conclusão de curso é a pontuação, especificamente o ensino de vírgula no Livro Didático, que é um dos recursos didáticos utilizados pelas escolas.

Como embasamento teórico sobre o uso da vírgula, utilizaremos as seguintes gramáticas da língua portuguesa: *Gramática escolar da língua portuguesa*, de BECHARA (2010), *Gramática: teoria e exercícios*, de PASCHALIN & ESPADOTO (2008) e *Nova gramática do português contemporâneo*, de CUNHA & CINTRA (2008). A escolha das gramáticas acima mencionadas para embasamento sobre o emprego da vírgula deste TCC decorreu, primeiro, pelo fato de entendermos a necessidade de um estudo dos materiais disponíveis na escola, servindo de material de pesquisa para os alunos e, segundo, por entendermos a necessidade de utilizar gramáticas pedagógicas e gramáticas tradicionais neste estudo.

Abaixo, explicitaremos e citaremos as regras de emprego da vírgula¹ apresentadas nas gramáticas acima referidas, que servem de material de apoio aos alunos.

Vírgula

A vírgula, como veremos, é empregada em razão das funções sintáticas, semânticas e prosódicas das frases².

Citaremos, abaixo, os fatos linguísticos nos quais devemos utilizar a vírgula, segundo as obras citadas.

Segundo BECHARA (2010, p. 657-660):

“Emprega-se vírgula:

- a) Para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver uma pausa).
- b) Para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção *e*, proferidas com pausa.
- c) Para separar orações coordenadas alternativas (*ou, quer, etc.*), quando proferidas com pausa.
- d) Nas oposições, exceto no especificativo, principalmente quando o aposto está representado por uma expressão de certa extensão.
- e) Para separar repetições (quando não têm efeito superlativante).
- f) Para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula) e na redação oficial usam-se dois pontos.
- g) Para separar as orações adjetivas de valor explicativo.

¹ Por uma questão de espaço, optamos por excluir os exemplos, para o exemplo vide o original.

² No capítulo anterior, vimos que as PCN tratam apenas do aspecto semântico e prosódico.

- h) Para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam.
- i) Para separar o pronome relativo de oração adjetiva restritiva do termo mais próximo já que seu antecedente é o termo mais distante.
- j) Para separar as orações intercaladas.
- k) Para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal.
- l) Para separar, nas datas, o nome do lugar.
- m) Para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão.
- n) Para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém, todavia, contudo, entretanto*), principalmente quando propostos.
- o) Para indicar, às vezes, a elipse do verbo.
- p) Para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercalar um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.
- q) Para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada." (2010, p. 657-660).

A seguir, apresentaremos as regras de utilização da vírgula apresentadas por PASCHOALIN & SPADOTO (2008, p. 555- 557):

"Marcando uma pequena pausa, a vírgula é geralmente empregada nos seguintes casos.

- Nas datas, para separar o nome da localidade.
- Depois do *sim* e do *não*, usados como respostas no início da frase.
- Para indicar a omissão de um termo (geralmente de um verbo).
- Para separar termos da mesma função sintática.
- Para separar vocativo.
- Para separar aposto.
- Para separar palavras e expressões explicativas ou retificativas, como *ou melhor, isto é, aliás, além disso, então etc.*
- Para separar termos deslocados de sua posição normal na frase.
- Para separar os elementos paralelos de um provérbio.
- Para separar orações coordenadas assindéticas.
- Para separar as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas por *e, ou e nem*.
- Para separar orações intercaladas.
- Para separar orações adjetivas explicativas.
- Para separar orações subordinadas substantivas e adverbiais quando antepostas à oração principal.
- Para separar orações reduzidas." (2008, p. 555- 557)

Seguem, abaixo, as regras de uso da virgula apresentadas por CUNHA & CINTRA (2008, p. 658-664):

“A vírgula marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um só período.

1. No *interior da oração* serve:

1.º) Para separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*.

2.º) para separar elementos que exercem funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los. Em particular a vírgula é usada:

a) Para isolar o aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo.

b) Para isolar o vocativo.

c) Para isolar os elementos repetidos.

d) Para isolar o adjunto adverbial antecipado.

3.º) Emprega-se ainda a vírgula no interior da oração:

a) para separar, na datação de um escrito, o nome do lugar.

b) para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo de palavras.

2. *Entre orações*, emprega-se a vírgula:

1.º) Para separar as orações coordenadas assindéticas.

2.º) Para separar as orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*.

3.º) Para isolar as orações intercaladas.

4.º) Para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas.

5.º) Para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal.

6.º) Para separar as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de participio, quando equivalentes a orações adverbiais.” (2008, p. 658-664)

Para um paralelo de comparações das regras explicitadas acima, utilizaremos as regras prescritas pela primeira gramática apresentada, em seguida apresentaremos as regras das demais, caso não tenham sido citadas pela gramática anterior. Comparando as regras estabelecidas nas três gramáticas, observamos uma mudança de nomenclaturas em alguns casos, mas os significados práticos envolvem a utilização da vírgula pelo mesmo fato linguístico, como mostraremos abaixo.

A regra “a” apresentada na gramática de Bechara (2010, p. 657), “para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver uma pausa)”, é também apresentada pelas gramáticas de PASCHOALIN & SPADOTO (2008, p. 555), “Para separar termos da mesma função sintática” e a de CUNHA & CINTRA (2008, p. 658), “Para separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*.”. Ou seja, a regra refere-se ao uso da vírgula pelo mesmo fato linguístico, no entanto é apresentada com palavras diferentes.

A regra “b” apresentada em BECHARA (2010, p. 658) prescreve o uso da vírgula nas orações coordenadas sindéticas aditivas quando precedidas pela conjunção *e*, quando a utilização da vírgula envolve aspectos prosódicos, pois ela é usada quando há uma pausa maior na fala. No entanto, as gramáticas PASCHOALIN & SPADOTO (2008, p. 557) e CUNHA & CINTRA (2008, p. 661) negam essa afirmação, explicando que a vírgula não deve ser utilizada antes da conjunção *e*.

As regras “c” e “d” são abordadas da mesma maneira nas outras duas gramáticas analisadas aqui: “Para separar orações coordenadas alternativas (*ou, quer, etc.*), quando proferidas com pausa” e “nas oposições, exceto no especificativo, principalmente quando o aposto está representado por uma expressão de certa extensão.” (BECHARA, 2010, p. 658)

A regra “e”, no entanto, apenas é abordado pela gramática de BECHARA (2010, p. 658). As gramáticas de CUNHA & CINTRA e de PASCHOALIN & SPADOTO não apresentam definições do uso da vírgula em repetições de termos.

A regra “f”, na gramática de BECHARA (2010, p. 659), prescreve a vírgula “Para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula) e na redação oficial usam-se dois pontos.” Essa regra também é apresentada nas gramáticas de PASCHOALIN & SPADOTO na de CUNHA & CINTRA, mas com outras palavras, de forma mais simplificada: em PASCHOALIN & SPADOTO (2008, p. 556; tópico 5) “Para separar vocativo” e em CUNHA & CINTRA (2008, p. 658; regra 2ºb), “Para isolar o vocativo”.

A regra “g” apresentada por Bechara, comparada às regras trazidas pelas duas últimas gramáticas citadas, apresenta uma mudança na forma da escrita, no entanto as três gramáticas explicitam a utilização da vírgula para o mesmo fato linguístico: “Para separar as orações adjetivas de valor explicativo.” (BECHARA 2010, p.659)

A regra prescrita no item “h” pela gramática de BECHARA explicita o uso da vírgula em casos de orações adjetivas restritivas longas, não é explanada nas gramáticas de PASCHOALIN & SPADOTO e de CUNHA & CINTRA.

A regra “i”, na gramática de BECHARA, “Para separar o pronome relativo de oração adjetiva restritiva do termo mais próximo já que seu antecedente é o termo mais distante”, não é apresentada nas gramáticas seguintes.

As regras “j”, “k” e “l”, na gramática de BECHARA, são prescritas, também, nas gramáticas de PASCHOALIN & SPADOTO (2008, p. 555-557) e de CUNHA & CINTRA (2008, p. 660-662), tratam do uso da vírgula: “Para separar as orações intercaladas”, “Para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal” e “Para separar, nas datas, o nome do lugar” (BECHARA 2010, p.659-660).

A regra “n”, na gramática de BECHARA (2010, p. 660), trata especificamente da separação das orações adversativas. Conforme essa gramática, a vírgula deve ser utilizada antes das conjunções e dos advérbios adversativos. As outras duas gramáticas não apresentam as informações do emprego desse sinal de pontuação, especificamente em relação aos advérbios, elas apresentam, no entanto, a informação da necessidade de uso da vírgula entre orações adversativas, mas de forma mais genérica, não de forma específica como na gramática de BECHARA.

A regra “o”, na gramática de BECHARA (2010, p. 660), também é abordada nas outras gramáticas, mas, como já mencionado, com variação de nomenclatura.

As regras “p” e “q” são abordadas apenas na gramática de BECHARA (2010, p. 660), e são de caráter mais semântico do que sintático. Nas análises, percebemos que as gramáticas de PASCHOALIN & SPADOTO e CUNHA & CINTRA apresentam mais informações de caráter sintático.

A gramática de PASCHOALIN & SPADOTO apresenta algumas definições que não foram prescritas pela gramática de BECHARA. Algumas dessas regras foram citadas na gramática de CUNHA & CINTRA, como analisaremos abaixo.

O “2º tópico”, na gramática de PASCHOALIN & SPADOTO (2008, p. 555), prescreve o uso da vírgula “Depois do *sim* e do *não*, usados como respostas no início da frase.”. Essa regra é abordada apenas nessa gramática. O mesmo ocorre com o “9º tópico”: “Para separar os elementos paralelos de um provérbio.” PASCHOALIN & SPADOTO (2008, p. 556).

O 15º tópico, na gramática de PASCHOALIN & SPADOTO PASCHOALIN & SPADOTO (2008, p. 557), “Para separar orações reduzidas.”, não foi prescrito pela gramática de BECHARA, mas é explanado na gramática de CUNHA & CINTRA (2008, p. 664), como está escrito em sua regra 2.6., “Para separar as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio, quando equivalentes a orações adverbiais”.

As regras de emprego da vírgula, como pudemos perceber, não variam de acordo com as gramáticas. As variações são no âmbito do vocabulário do que de definições distintas. Houve poucos casos de uma gramática apresentar regras não contempladas por outra gramática, como pudemos perceber.

Conforme observado nas análises das gramáticas, a utilização da vírgula se dá eminentemente por motivos sintáticos da frase, fato que os PCN ignoram em suas parametrizações.

Realizamos esta análise pelo fato de os alunos e professores de Língua Portuguesa da escola em que a autora deste TCC atua utilizam as referidas obras como apoio. No entanto o material mais utilizado como fonte de pesquisa dos alunos é o livro didático, e é nele que o conteúdo dessas gramáticas deve vir inserido.

Dessa forma, no capítulo seguinte, trataremos da importância do livro didático para os alunos e professores no ambiente escolar e fora dele, e, posteriormente, analisaremos duas coleções de livros didáticos sobre como ocorre o ensino da vírgula nas coleções disponibilizadas para análise de professores na escola em que a autora deste TCC atua como professora de Português.

5. O LIVRO DIDÁTICO NA SALA DE AULA

O livro didático é uma das principais ferramentas pedagógicas utilizadas pelos professores nas salas de aulas, tanto em escolas públicas, em que esses livros são fornecidos pelos governos, como em escolas privadas, nas quais os próprios alunos ou seus pais são responsáveis por essa aquisição.

Mesmo sendo um instrumento bastante familiar para as escolas, tanto para os professores como para os alunos, é difícil definir, realmente, o papel do livro didático nas salas de aulas. Gérard e Roegiers (1998, p.19), definem o livro didático como “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”. Melhorar a eficácia do ensino e da aprendizagem é um papel almejado pelas escolas; papel, esse, nem sempre alcançado. Entretanto para que um livro didático desempenhe essa função, a de um facilitador no processo de ensino aprendizagem na sala de aula, é necessário que ele seja de qualidade, assim como a pessoa que o ministra, no caso, o professor.

Diante da proposta dos anos 80 da Linguística Textual, na qual os professores devem trabalhar a gramática não apenas em elementos isolados (frases soltas), mas também junto aos textos, o livro didático pode ser um grande auxiliador nessa proposta, pois, como apresentou *Gérard e Roegiers*, ele é um instrumento impresso utilizado em sala de aula, os alunos têm acesso a esse material e sendo ele de qualidade o processo de ensino aprendizagem é muito mais proveitoso. Os PCN (Brasil, 1997) recomendam que o professor utilize o livro didático como fonte de informação, assim como utiliza jornais, revistas, filmes etc. para melhorar as atividades de ensino-aprendizagem.

Assim, segundo os PCN, o livro didático é uma ferramenta positiva como fonte de informação. Os alunos têm acesso à informação oral apresentada pelo professor como também à explanação escrita nos livros didáticos, assim como exercícios para a fixação desses conteúdos.

O professor deve buscar no livro didático as contribuições para que ele possa mediar a construção do conhecimento científico pelos alunos, utilizando das diferentes propostas oferecidas pelo material, explorando as diversas funções que um livro didático pode apresentar. Neste sentido, Santos e Carneiro (2006, p. 206) destacam que:

“O livro didático assume essencialmente três grandes funções: de informação, de estruturação e organização da aprendizagem e, finalmente, a função de guia do aluno no processo de apreensão do mundo exterior. Deste modo, a última função depende de o livro permitir que aconteça uma interação da experiência do aluno e atividades que instiguem o estudante desenvolver seu próprio conhecimento, ou ao contrário, induzi-lo à repetições ou imitações do real. Entretanto o professor deve estar preparado para fazer uma análise crítica e julgar os méritos do livro que utiliza ou pretende utilizar, assim como para introduzir as devidas correções e/ou adaptações que achar conveniente e necessárias (SANTOS e CARNEIRO 2006, p. 206)

Segundo Santos e Carneiro, a função para a qualificação desses materiais em sala de aula, cabe ao professor, assim como a adequação ao mundo dos alunos. Sabemos que existe um órgão responsável pelo governo para a análise dos Livros Didáticos, no entanto, a adequação ao ambiente de ensino, em particular, cabe ao professor.

Por servir de fonte de informação para os professores em seu âmbito de ensino, o livro didático deve apresentar os conteúdos necessários para os desenvolvimentos das séries indicadas por eles, para que ele seja realmente utilizado pelos professores, pois os alunos adquirem os livros de acordo com as séries estudadas.

Então, como já apresentamos, o livro didático é uma fonte impressa que deve ser utilizada nas escolas. A qualidade de escolhas desses livros não cabe apenas ao professor, já que temos, no Brasil, um órgão responsável por essa seleção, o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), mas o professor precisa saber adequá-lo à realidade de seus alunos.

O que vamos analisar desses livros didáticos é se os conteúdos referentes ao ensino da vírgula, que deveriam ser vistos no Fundamental II, são apresentados ao longo de duas coleções, pois como fonte de pesquisa e estudos, esses materiais precisam fornecer os conteúdos necessários aos alunos em suas respectivas séries.

A seguir, apresentaremos duas coleções de livros de Língua Portuguesa destinados às séries do Ensino Fundamental II e verificaremos se os conteúdos referentes à vírgula são, realmente, apresentados, conforme indicam os órgãos brasileiros de ensino e as gramáticas utilizadas como referência neste Trabalho de Conclusão de Curso.

5.1 ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS

Neste capítulo, analisaremos como os conteúdos de emprego da vírgula estão dispostos em duas coleções de livros didáticos do Ensino Fundamental II, pois o livro didático é a principal ferramenta utilizada pelo professor em sala de aula e, com isso, é utilizado junto às estratégias de ensino. Vale ressaltar que analisaremos apenas os conteúdos referentes ao uso da vírgula, que é o objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso. A escolha da obra de DELMANTO e CARVALHO e de JACINTHO se deu em razão de ambas as coleções terem sido entregues na escola em que a autora deste TCC atua como professora de Português para análise, sendo, portanto, disponível para uso.

A primeira coleção que apresentaremos é *Jornadas.port*, de DELMANTO e CARVALHO. A coleção é composta de quatro livros, uma para cada série do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º anos. O Livro engloba as três vertentes de ensino da língua portuguesa: a leitura, a escrita (produção textual) e a gramática normativa.

Os livros dessa coleção são divididos em capítulos, oito no total, e os capítulos são divididos em tópicos específicos. O primeiro tópico é “Exploração do texto”, cujo foco de ensino é voltado para as atividades de leitura e interpretação dos textos. O segundo tópico é “Produção escrita” (refere-se à produção textual), cujo foco de ensino volta-se aos gêneros textuais e à sua produção. O último tópico é “Reflexão sobre a língua”, sendo este destinado ao ensino das regras normativas da gramática da língua portuguesa. O livro apresenta, também, um projeto de pesquisa para ser desenvolvido ao longo do ano junto aos alunos.

A análise realizar-se-á sobre o último tópico do livro, “reflexão sobre a língua”, já que, nele, são encontrados os conteúdos referentes à gramática da língua portuguesa e, logo, encontraremos, em nosso entendimento, o conteúdo referente ao uso da vírgula. No entanto, cabe ressaltar, que os outros dois “tópicos” do livro também foram vistos na perspectiva de haver conteúdo voltado à pontuação, uma vez que tratam de produção textual.

O primeiro livro dessa coleção a ser analisado é o destinado às turmas do sexto ano. Nesse livro, começa-se a apresentar as regras voltadas ao ensino da vírgula, sendo essa apresentação progressiva, ou seja, todo o conteúdo que a coleção pretende apresentar só encerra-se no nono ano, que é o último livro desta coleção. A escolha de apresentação das regras do uso da vírgula contempla o conteúdo específico que é abordado no livro, ou seja, os conteúdos apresentados

sobre o ensino da pontuação não é isolado dos conteúdos referentes aos elementos sintáticos que norteiam o seu uso.

O ensino da vírgula começa a ser feito, no primeiro livro, a partir do terceiro capítulo, em “Fique atento... a pontuação”, p. 115. Segundo a obra, a vírgula é empregada “para organizar os elementos de uma enumeração” (DELMANTO e CARVALHO, 2012, p. 115). Essa regra é apresentada em todas as gramáticas utilizadas como base teórica deste trabalho, conforme vimos no capítulo anterior, mas apresentada com definições diferentes também conforme vimos no capítulo anterior. É importante frisar que o exercício do emprego da vírgula é realizado antes da explicação do conteúdo apresentado e do exemplo, ou seja, o aluno fará o exercício antes de o livro didático apresentar a conceituação e explicação. Disso entende-se que o aluno deve construir o seu conhecimento, embora não traga bases para essa construção, ficando a cargo do professor trazer essa base para seus alunos.

Ainda no mesmo livro, o estudo da vírgula volta a ser explorado na página 301, capítulo 8. A sua utilização, apresentada neste capítulo, é voltada às intercalações dos advérbios, com a regra: “O advérbio ou a locução adverbial, quando colocados no início ou no meio da frase, em geral, separam-se do restante da frase por vírgulas.”, (DELMANTO e CARVALHO, 2012, p. 301). Para chegar a essa definição, o autor apresenta um pequeno exercício, da mesma forma que foi apresentado na explanação anterior. Até o fim desse livro não é mais apresentado nenhum conteúdo sobre a utilização da vírgula, ou seja, apenas nesses curtos momentos esse conteúdo é trabalhado.

O livro referente ao sétimo ano continua a sequência didática apresentada no livro anterior, o do sexto ano. A pontuação volta a ser abordada no capítulo 7, com o tópico “Fique Atento... a pontuação”. Nesse tópico, trabalha-se com o uso inadequado da vírgula, tratando-se da não utilização da mesma entre os verbos e seus complementos. Antes de apresentar a definição, “Não há vírgula entre um verbo e seu complemento” (DELMANTO e CARVALHO, 2012, p. 280), o livro apresenta um pequeno texto e duas questões voltadas ao texto e ao uso da vírgula (vide anexo). As gramáticas também apresentam essa definição.

O livro do sétimo ano não apresenta mais nenhum tópico referente ao uso da vírgula na organização textual. Portanto, no sétimo ano, os alunos estudam em

apenas um momento sobre a utilização da vírgula, caso o professor não se utilize de outros materiais didáticos.

No livro do oitavo ano, no segundo capítulo, volta a ser apresentado o ensino da pontuação, mas refere-se apenas ao uso dos parênteses, que não faz parte do *corpus* deste trabalho.

As regras de ensino da vírgula voltam a ser apresentadas no terceiro capítulo desse livro. Nele são apresentadas algumas regras referentes ao uso da vírgula, explicitando a questão sintática do uso da vírgula, pois dá continuidade ao conteúdo que vem sendo abordado no livro, sujeito e predicativos. Logo, a utilização da vírgula, nesse caso, refere-se ao seu uso com os elementos citados, trabalhando, assim, a utilização da pontuação com os elementos lexicais necessário das frases. Nesse caso, a explanação do livro traz uma apresentação inicial de algumas frases com vírgula e outra sem, que levarão à definição apresentada: “Despreocupados, casais e famílias passeiam/ casais e famílias passeiam despreocupados” (DELMANTO e CARVALHO, 2012, p. 106); o livro apresenta uma questão de exercício, ratificando o conteúdo a ser trabalhado, sujeito e predicativo:

1. Leia o título de uma notícia esportiva.

Confiante, Flamengo aguarda resposta de Luxemburgo nesta terça
Disponível em:
<http://www.correio24horas.com.br/esportes/detalhes?/detalhes-1/artigo/presidente-do-flamengo-se-reune-com-vanderlei-luxemburgo/>.
Acesso em: 24 out 2011

- a) Qual o sujeito de **aguarda**?
- b) **Aguardar** é verbo transitivo direto. Qual é seu objeto, nessa oração?
- c) O predicativo **confiante** se refere a qual termo da oração: sujeito ou objeto?
- d) O predicativo aparece antes ou depois do termo a que se refere?
- e) Reescreva a manchete no caderno, colocando seus termos na ordem direta: sujeito+verbo+predicativo do sujeito.
- f) De que forma o predicativo tem mais destaque: na manchete original ou na versão que você redigiu? (DELMANTO e CARVALHO, 2012, p. 107)

Em seguida as definições, segundo as gramáticas normativas;

- Não há vírgula entre o sujeito e o predicativo quando esses termos estão na ordem direta, ou seja, quando o predicativo vem depois do sujeito.
- Há vírgula entre o sujeito e o predicativo quando esses termos não estão na ordem direta, ou seja, quando o predicativo aparece antes do sujeito. (DELMANTO e CARVALHO, 2012, p. 107)

Após a apresentação das definições, o conteúdo é encerrado com outra questão do assunto. (vide anexo)

O livro do oitavo ano volta a apresentar as regras envolvendo a utilização das vírgulas no capítulo quatro. Nesse tópico, é abordada a sua utilização com os adjuntos adverbiais. As regras apresentadas no livro são as mesmas apresentadas pelas gramáticas normativas que são base teórica deste Trabalho, mas com um vocabulário mais simples. E, assim como nos livros anteriores, as definições apresentadas são precedidas de exercícios. O emprego da vírgula é apresentado junto com o conteúdo sobre adjuntos adverbiais, que está sendo abordado no decorrer do capítulo, não, apenas, no que se refere à pontuação, ou seja, a pontuação é trabalhada junto com a questão da sintaxe. Disso podemos depreender que o livro entende a pontuação como um elemento exigido pela estrutura sintática da frase. Cabe lembrar, novamente, que os PCN não tratam desse ponto.

O livro do oitavo ano não apresenta mais nenhuma regra normativa sobre a utilização da vírgula e nem exercícios.

No livro do nono ano, o uso da vírgula e os exercícios sobre o assunto voltam a ser abordados no segundo capítulo. Nesse tópico, são apresentadas algumas regras a respeito do uso dos dois pontos e do ponto e vírgula, em relação a seu emprego em orações coordenadas, não apenas ao uso da vírgula. O emprego da vírgula no que se refere à separação de orações coordenadas assindéticas e sindéticas também é tratado. No entanto, a definição apresentada no livro não apresenta em que situações de uso das orações coordenadas sindéticas, a vírgula deve ser utilizada: “A **vírgula** pode separar orações coordenadas sem conjunção (assindéticas) e orações coordenadas iniciadas por conjunção (sindéticas)” (DELMANTO e CARVALHO, 2012, p. 74) . Como podemos observar, as regras são apresentadas de forma genérica, não especificando, realmente, onde deve ser pontuado o texto com a vírgula, apresenta apenas a possibilidade dessa pontuação.

No terceiro capítulo desse mesmo livro, as normas referentes ao emprego da vírgula e os exercícios correspondentes voltam a ser abordados. No caso específico, refere-se à sua utilização junto às orações subordinadas substantivas, que é o assunto abordado em todo o capítulo. A explanação e os exercícios são destinados à não utilização das vírgulas diante de tais orações. As regras apresentadas correspondem às mesmas prescritas pelas gramáticas estudadas neste trabalho, no entanto, com linguagem mais simples, ou seja, menos técnica.

Junto com a apresentação dos conteúdos referentes às orações subordinadas adverbiais, no capítulo quarto, vem o ensino do emprego da vírgula em frases com

essas orações. As definições que correspondem a essa normatização seguem a teorias prescritas nas gramáticas normativas da Língua Portuguesa.

O emprego da vírgula não é mais apresentado nessa coleção, encerrando, pois, o ensino de vírgula nessa série.

A segunda coleção que será analisada é a intitulada *Araribá Plus português*, de JACINTHO. Essa coleção também é destinada às séries de sexto ao nono ano do Ensino Fundamental II. A coleção é composta por quatro livros, uma para cada série. O livro engloba as três vertentes de ensino da língua portuguesa: leitura, estudos linguísticos e produção textual. Os livros dessa coleção são divididos em oito unidades, e cada uma delas apresenta um tema norteador, tema base para a maioria dos textos e atividades de escrita. Cada unidade é subdividida em alguns tópicos: Imagens de abertura, leitura, e por falar nisso..., estudo da língua I, leitura da hora, Estudo da língua II, questões da língua, leitura e produção de texto e produção de texto. Nossa análise será realizada nos capítulos de estudo da língua e questões da língua, pois acreditamos que neles encontraremos o estudo da vírgula.

O ensino de pontuação em geral, não especificamente o uso da vírgula, começa a ser abordado, no livro do sexto ano, a partir da unidade quatro no tópico *Estudo da língua I*. Nele é apresentado um exercício seguido de um conteúdo referente à importância da pontuação para a compreensão textual. Em seguida, alguns sinais de pontuação são abordados como: ponto de exclamação, ponto de interrogação, ponto-final, dois pontos, travessão e aspas. Para todos os exemplos de sinais de pontuação apresentados no capítulo, também é apresentado um exercício de apenas uma questão, seguido da definição segundo as gramáticas. Ao término das definições, o livro apresenta um exercício envolvendo todos os sinais apresentados. O uso da vírgula, que é nosso foco nesse Trabalho de Conclusão de Curso, não foi apresentado nesse momento.

Mais à frente nessa mesma unidade, a pontuação volta a ser apresentada no tópico *Estudo da língua II*, e as regras referentes ao emprego da vírgula passam a ser abordadas. Nessa parte, o livro apresenta alguns exercícios acompanhados por caixas de texto, com informações gerais sobre conteúdos envolvendo o uso da vírgula como: “VOCATIVO - damos o nome de vocativo ao termo da frase que representa um chamamento” (JACINTHO, 2014, p. 125), uma explicação nas suas laterais para ajudar o aluno no desenvolvimento do exercício. No final desse exercício, é apresentada a definição para o uso da vírgula em alguns fatos

linguísticos, seguido por outro bloco de exercícios denominados como *aplique seus conhecimentos*. O ensino da vírgula nesse tópico constitui-se da explanação de algumas regras apresentadas pelas Gramáticas Normativas de Língua Portuguesa, inclusive, por aquelas que utilizamos como base teórica deste trabalho, BECHARA, PASCHOALIN & SPADOTO, E CUNHA & CINTRA.

A vírgula é um sinal de pontuação empregado para separar os itens de uma enumeração, os apostos ou outras palavras de expressões que dão explicações ou informações complementares a respeito do texto, mas que podem ser eliminadas sem modificar o sentido da frase a que pertence. (JACINTHO, 2014, p. 126).

O livro do sexto ano não apresenta mais informações sobre a pontuação.

O livro destinado às turmas do sétimo ano não apresenta nenhuma informação referente ao emprego da vírgula nem de outro sinal de pontuação, o que pudemos depreender que, segundo a obra, no sétimo ano, os alunos não precisam estudar a respeito da pontuação.

O livro destinado às turmas do oitavo ano volta a abordar o ensino da pontuação na quarta unidade no tópico *Estudo da língua II*, página 136. Nesse tópico é apresentada uma revisão de alguns sinais de pontuação que, de acordo com o autor do livro, foram abordados nos livros anteriores. Os sinais revisados são: dois-pontos, reticências, aspas, travessão e parêntese. Após essa revisão, no mesmo tópico, o livro passa a apresentar regras referentes ao uso da vírgula. Algo que deve ser frisado é que o livro apresenta o tópico como revisão, ou seja, esse conteúdo já devia ter sido visto e apresentados nas séries anteriores, mas pudemos identificar que o *parêntese* não havia sido abordado nos livros anteriores, com isso o assunto não se constituiu de uma revisão, e sim de um conteúdo novo. Voltando à questão do uso da vírgula, observamos que o ensino da mesma está ligado ao conteúdo que vem sendo abordado no livro, que é período simples e composto. As primeiras regras apresentadas envolvem a não separação de termos essenciais da frase por meio de vírgulas, e a utilização das vírgulas em adjuntos adverbiais deslocados na frase.

Não se separam por vírgula os termos da oração diretamente relacionados entre si, ou seja, o **sujeito** e o **verbo** e o **verbo** e seus **complementos**, inclusive aqueles de natureza oracional. Caso queiramos inserir um elemento entre esses termos, devemos isolá-lo por vírgulas. (JACINTHO, 2014, p. 140)

Junto à definição também são apresentados alguns exemplos. Em seguida, mas no mesmo capítulo, são apresentados os termos de mesma função sintática para introduzir o uso da vírgula para esses fatos linguísticos.

Assim como os itens de uma enumeração, **termos de mesma função sintática**- inclusive os representados por orações- são separados por vírgulas quando colocados um ao lado do outro. Se o último deles for antecedido pela conjunção **e**, não costuma haver vírgula antes da conjunção; mas, se quisermos colocar uma informação intercalada entre a conjunção **e** e o último termo, devemos isolá-la por vírgulas. (JACINTHO, 2014, p. 140)

Neste mesmo capítulo, também são apresentadas às definições a respeito do emprego do ponto e vírgula. Todas as definições são precedidas por exercícios para que o aluno chegue àquela definição, o livro fornece alguns boxes nas laterais para dá auxílio aos alunos. Após as definições é proposto outro bloco de exercícios para os alunos.

O ensino da vírgula volta a ser abordado nesse livro novamente na unidade oito em estudo da língua I, seguindo, também, o conteúdo apresentado como vimos na unidade anterior. Nessa unidade, São apresentadas as regras referentes ao emprego da vírgula junto com as orações subordinadas adjetivas:

As **orações adjetivas explicativas** são isoladas por **vírgulas** (ou então travessões ou parênteses) do restante do período, distinguindo-se assim das restritivas. E certos casos, essa pontuação é fundamental para comunicar claramente o sentido pretendido. (JACINTHO, 2014, p. 293)

Após essa definição, o livro aborda as orações subordinadas adjetivas reduzidas com novas explanações, mas sem conceituação. A parte expositiva do capítulo é encerrada com um mapa conceitual a respeito da utilização das vírgulas junto às orações subordinadas adjetivas, seguindo com um bloco de exercícios denominados *Aplique seus conhecimentos*.

Em seguida, na mesma unidade, o livro apresenta em *Estudo da língua II* novamente regras, explanações e exercícios, envolvendo o emprego da vírgula. Nesse momento, essas regras são referentes às orações subordinadas adverbiais e substantivas, que estavam sendo abordadas nesse mesmo livro. O livro apresenta alguns exercícios e segue com a conceituação e seus exemplos:

(...) a **oração subordinada adverbial** (desenvolvida ou reduzida) é pontuada como o **adjunto adverbial** - vem separada por vírgula(s) quando está no início do período, antes da oração principal, ou quando aparece intercalada:

'Quando as nuvens atingem cerca de 5 mil metros de altura, começa a chover.'

A exceção da apositiva, a **oração subordinada substantiva não se separa por vírgula**, pois ela corresponde a termos da oração que

não se separam do restando do período. A regra vale tanto para as substantivas desenvolvidas quanto para as reduzidas. (JACINTHO, 2014, p. 302).

Como pudemos identificar, as regras correspondem às mesmas prescritas pelas Gramáticas analisadas, no entanto, por motivos pedagógicos, a linguagem utilizada é mais simples, ou até mesmo a regra é apresentada de forma mais explicada.

O livro destinado às turmas do oitavo ano não mais aborda o emprego da vírgula.

O último livro dessa coleção é destinado às turmas de nono ano. O emprego da vírgula volta a ser abordado na unidade cinco. O tópico é intitulado *revisão: emprego da vírgula*. Nesse tópico, é revisado o emprego da vírgula: no interior da frase, com elementos como aposto, vocativo, separação de itens em enumerações e intercalações dos adjuntos adverbiais, que, como vimos, foi conteúdo trabalhado nos livros destinados ao oitavo e nono ano em períodos compostos por subordinação, que, como pudemos observar, foi trabalhado no livro do oitavo ano; e o emprego da vírgula em períodos compostos por coordenação, que ainda não havia sido trabalhado, não se tratando, assim, de uma revisão e, sim, nesse ponto, de uma introdução de conteúdo novo. O livro apresenta também alguns exercícios, voltados à revisão:

Para recordar o emprego da vírgula no interior da oração, releia estes trechos do conto ‘Um dia’, que você estudou no fim da unidade 2.

- I- -‘ Ei, Nickie, quero entrar. Tenho uma ideia e *metade*. Espere só até ouvir.’
- II- ‘Não que o próprio Niccolo estivesse a se sair mal na escola. Recebera notas adequadas em lógica, manipulações binárias, computação e circuitos elementares; todas as disciplinas costumeiras da escola primária.’
- III- ‘– [...] ele vai me dar um Bardo de verdade, um modelo novo.’
- IV- ‘Uma vez, em uma cidade grande, havia um pobre menino chamado Fair Johnnie [...].’
 - Explique por que a vírgula foi usada em cada fragmento.(JACINTHO, 2014, p. 147).

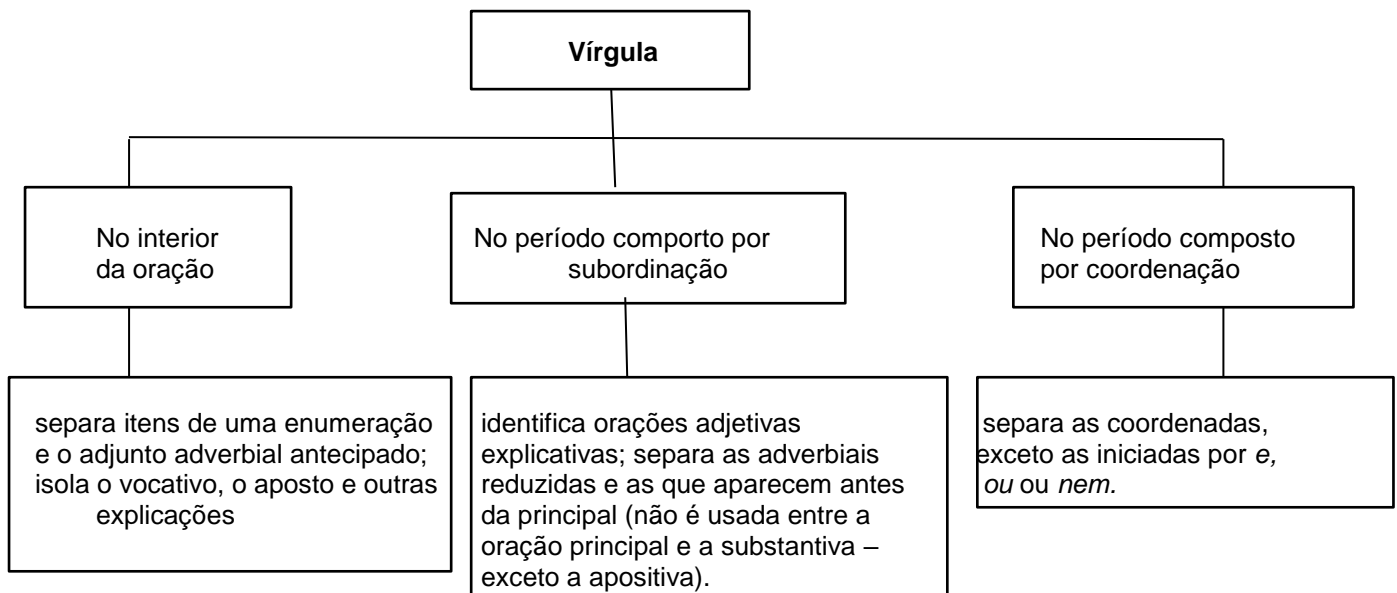
Uma lista de regras para o uso adequado da vírgula também é apresentada pelo livro:

No **interior de uma oração**, a vírgula é empregada principalmente para:

- Separar o vocativo do resto da frase;
- Separar os itens de uma enumeração quando eles não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*;

- Separar o aposto e outras expressões meramente explicativas (por exemplo, isto é, ou melhor);
- Separar o adjunto adverbial antecipado, aquele que não aparece no fim da oração, como seria usual na ordem direta. (JACINTHO, 2014, p. 147).

Além disso, o livro apresenta um mapa de definições gerais com todas as informações apresentadas no capítulo (JACINTHO, 2014, p. 151):



Por fim, o livro apresenta um exercício correspondente a todos os empregos da vírgula trabalhados no livro.

Ao analisarmos as duas coleções apresentadas, pudemos identificar algumas falhas de conteúdos em ambas as coleções. Ao longo das coleções, são apresentadas algumas regras referentes ao uso da vírgula, no entanto, outras regras não foram explanadas. Observamos que em nenhum dos livros das coleções foram apresentadas as regras referentes à prosódia, como apresentado em BECHARA (2010, p. 657) “Para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver uma pausa)”. Também não foi apresentada a utilização da vírgula em repetições, conforme BECHARA (2010, p. 658) “Para separar repetições (quando não têm efeito superlativante)”. A utilização das vírgulas nas orações adjetivas foi abordada, mas de forma mais ampla, sem as especificações do pronome relativo, como em BECHARA (2010, p. 659) “Para separar o pronome relativo de oração adjetiva restritiva do termo mais próximo já que seu antecedente é o termo mais distante.” Outra regra que não foi abordada refere-se ao uso das

vírgulas em locais e datas, BECHARA (2010, p. 660) “Para separar, nas datas, o nome do lugar”. Também não foi abordado o uso da vírgula para separar as partículas e expressões explicativas, como vimos em BECHARA (2010, p. 660) “Para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão”. Pudemos identificar que algumas regras importantes para o uso da pontuação foram excluídas do ensino fundamental II por ambos os livros analisados.

Na primeira coleção, pudemos identificar que os exercícios precediam as definições ou, até mesmo, os exemplos. Nota-se a intenção dos autores do livro de que os alunos construam essas definições, no entanto falta embasamento para os mesmos, que estão tendo contato com esses conteúdos pela primeira vez, para que possam responder os exercícios corretamente, ou para chegarem à conclusão sobre o emprego do referido sinal. O livro apresenta poucos exercícios de fixação, geralmente apenas uma ou duas questões, como já apresentado, antes das definições. Os conteúdos apresentados não são soltos, no geral, eles seguem o conteúdo sintático apresentado.

Na segunda coleção, os exercícios também precediam, em alguns casos, as definições, no entanto após essas normatizações era apresentada uma nova sequência de exercícios para que os alunos pudessem fixar o conteúdo apresentado. O livro intitulou alguns capítulos como revisão, no entanto como vimos alguns conteúdos não haviam sido trabalhados nos livros anteriores.

É importante frisar que ambas as coleções pautam o ensino da vírgula na questão sintática apenas, questão esta não mencionada pelos PCN.

Em nenhum momento, as obras abordam a questão estilística e/ou semântica na abordagem sobre o emprego da vírgula, dois pontos mencionados pelos PCN.

6. CONCLUSÕES

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso foi analisar o ensino da vírgula em duas coleções de livros didáticos: *Jornadas.com* de DELMANTO e CARVALHO e *Araribá Plus português* de JACINTHO. Nesse sentido, foi realizada uma análise das duas coleções, observando, como parâmetro, dados dos PCN e dados de três gramáticas referidas, aqui, pelo nome de seus autores: BECHARA, PASCHOALIN & SPADOTO, e CUNHA & CINTRA.

Após a análise feita das duas coleções de livros didáticos de ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental II, podemos destacar que as duas coleções apresentam uma divisão entre o estudo da língua (regras normativas) e o estudo da leitura e produção textuais, fato que vai de encontro a alguns paradigmas dos PCN's, que propõe um ensino em conjunto das questões linguísticas e textuais. Na forma como a vírgula é trabalhada nas obras didáticas, há um distanciamento entre o ensino das questões gramaticais e o uso da modalidade escrita. Notadamente, há uma simplificação da linguagem utilizada no livro didático em relação à linguagem utilizada pelas gramáticas aqui analisadas, o que pode atrapalhar numa possível interpretação das regras.

Outro aspecto a ser reiterado é que a coleção "Jornadas.com", de DELMANTO e CARVALHO, propõe que os alunos façam exercícios antes das explicações sobre o conteúdo a ser abordado, no entanto tais alunos não têm conhecimentos prévios para estas ações, dificultando, assim, sua compreensão do conteúdo.

As coleções analisadas também mostraram uma lacuna de informações quanto a algumas normas de emprego da vírgula, principalmente nas unidades do 7º ano, ou seja, segundo os autores dessas coleções, no sétimo ano, não há necessidade do ensino da vírgula.

Um dos fatores que também foi percebido é uso indevido do subtítulo "Revisão", na segunda coleção analisada, quando ainda não fornecera, em unidade alguma dos livros anteriores, tais assuntos.

Ambas as duas coleções não contemplaram o uso prosódico da vírgula, tampouco o aspecto semântico de seu uso, conforme pretendem os PCN's.

Observamos, também, que as duas coleções, sempre que trataram do estudo referente à pontuação, utilizaram um paralelismo entre o estudo das estruturas sintáticas, o que depreendemos que, de acordo com os autores, o ensino da

pontuação, da vírgula, não pode ser apresentado isoladamente das funções sintáticas.

A coleção “Araribá Plus” apresenta, sempre após as definições, exercícios de fixação, fazendo com que o aluno possa, desta vez, exercitar-se com propriedade no assunto, o que não ocorre na coleção “Jornadas.com”.

Mesmo reconhecendo as possíveis dificuldades enfrentadas pelos autores das duas coleções, no que tange a problemáticas didáticas, como a busca por uma aproximação com a realidade do alunado (numa visão interacionista), os choques causados pelas novas correntes teóricas e correntes teóricas tradicionais, além de algumas questões mercadológicas, é necessário que haja uma melhor revisão não só das obras didáticas em questão, mas também dos critérios utilizados pelos órgãos responsáveis por tal aprovação de circulação desse material didático, pois deveriam ter solicitado a inclusão dos conteúdos necessários e não presentes nessas coleções. Assim como é necessário, para o melhoramento das obras citadas, que sejam abordadas estratégias de ensino mais propícias à aprendizagem dos alunos, como tratar dos três pilares de estudo da Língua Portuguesa de maneira interligada e aproximada à realidade do alunado.

Ao longo deste trabalho, surgiram novas possibilidades de análise, devido à quantidade de assuntos necessários à aprendizagem de um estudante (no ensino fundamental II) para um bom e esperado desenvolvimento na norma culta da língua portuguesa. Possibilidades, essas, que não foram desenvolvidas por questões de delimitação do foco de estudo escolhido, mas que são bons caminhos a serem estudados por possuírem igual importância, como, por exemplo, a forma de abordagem dos conteúdos a serem estudados nos livros didáticos, ou, até mesmo, os critérios utilizados por órgãos como o PNLD para aprovarem ou não a veiculação de um livro didático. Apesar de serem exemplos de análises mais amplas, seriam de igual importância para um objetivo comum: a busca por um maior comprometimento com essa ferramenta de auxílio ao processo ensino/aprendizagem escolar que é o livro didático.

7. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2010.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: EC/CEF, 1988.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DELANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz. *Jornadas.port: Língua Portuguesa*. 1. Ed. São Paulo: Saraiva. 2012. (6º ao 9º ano)
- GÉRARD, F.-M, ROEGIERS, X. (1993)- *Concevoir et évaluer des manuels scolaires*. Bruxelles. De Boeck-Wesmail (tradução Portuguesa de Júlia Ferreira e de Helena Peralta, Porto: 1998).
- JACINTHO, Mônica. *Araribá plus Português*. 4. Ed. São Paulo: Moderna. 2014. (6º ao 9º ano)
- NEVES, Maria Helena de M. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 1991.
- PASCHOALIN; SPADOTO. *Gramática: teoria e exercícios*. São Paulo: Ed. Renovada. 2008.
- POLL, Margarete. *Ensino de Língua Portuguesa: relações entre o saber científico e a prática social da linguagem*. 2008. 292 f. Tese. (Doutorado em Linguística) Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. 2008.
- SANTOS, Wildson Luiz; CARNEIRO, Maria Helena da Silva. Livro Didático de Ciências: Fonte de informação ou apostila de exercícios. In: Contexto e Educação: Ano 21. Julho/dezembro, Ijuí: Editora Unijuí. 2006.